



A dissidência tradicionalista: a reinvenção da extrema direita brasileira como aliança “vermelho-marrom”

*Francisco Thiago Rocha Vasconcelos*¹

Resumo

O presente artigo analisa a autointitulada Dissidência Tradicionalista, composta por organizações como a Nova Resistência e a Frente Sol da Pátria, que buscam reinventar a extrema direita brasileira em concorrência ao legado de Olavo de Carvalho e do bolsonarismo e disputando o nacionalismo e o trabalhismo. Pretendendo uma nova síntese que supere as divisões entre esquerda e direita em uma aliança “vermelho marrom”, estas organizações atuam conectando temas da esquerda, com estratégias e conceitos da cena internacional do neofascismo, da direita radical e do pensamento Tradicionalista de René Guénon, Julius Evola e Aleksandr Dugin.

Palavras-chave

extrema direita;
Tradicionalismo;
nacionalismo;
suprafascismo.

THE TRADITIONALIST DISSIDENCE: THE FAR-RIGHT REINVENTION AS A RED- BROWN ALLIANCE

Abstract

This article analyzes the self-named Traditionalist Dissidence, made up of organizations such as Nova Resistência and Frente Sol da Pátria which seek to reinvent the Brazilian extreme right in competition with the legacy of Olavo de Carvalho and Bolsonaroism and disputing nationalism and laborism. Intending a new synthesis that overcomes the divisions between left and right in a “red-brown” alliance, these organizations act by connecting themes of the left, with strategies and concepts of the international scene of neo-fascism, the radical right and the Traditionalist thought of René Guénon, Julius Evola and Aleksandr Dugin.

Keywords

*far-right;
Traditionalism;
nationalism;
suprafascism.*

Introdução

Nas últimas décadas, ideologias de extrema direita ganharam espaço, legitimando novos movimentos e governos críticos aos sistemas políticos liberal-democráticos (Empoli, 2020). Reunindo desenvolvimentos teóricos paralelos em diversos países, principalmente Estados Unidos, França e Rússia², essa nebulosa ideológica recebe inúmeras nomenclaturas, para além da convencional

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: fvasconcelos@unilab.edu.br.

extrema direita cujos limites alguns buscam questionar ou contornar. A inserção de quadros ligados a estas vertentes em círculos governamentais³, inclusive no Brasil, e a produção intelectual associada a novos movimentos políticos tornam urgente um programa de pesquisa crítico a respeito das doutrinas teóricas de extrema direita e as novas roupagens que adquirem ao longo do tempo e em diferentes sociedades.

Enquadrar tais grupos na extrema direita suscita alguma contrariedade, tendo em vista que eles assumem a pretensão de não serem “nem de esquerda, nem de direita” ou serem “de esquerda e de direita”, questionando o próprio uso da díade esquerda-direita como orientação (Schang, 2020). É o caso de certa linhagem que busca interligar o sindicalismo revolucionário de Georges Sorel, o “anarquismo conservador” de Pierre-Joseph Proudhon e o nacional-bolchevismo de Ernst Niekisch, com intelectuais não-conformistas franceses⁴ e da revolução conservadora alemã⁵, especialmente Oswald Spengler, Arthur Moeller van den Bruck, Herman Wirth, Martin Heidegger, Carl Schmitt, Ernst Jünger e Julius Evola, muitos dos quais associados ao nazismo. Essa tradição se vincula, desde 1960, à emergência da nova direita iliberal europeia, com a “nova revolução conservadora” de Alain de Benoist⁶, o arqueofuturismo de Guillaume Faye⁷, o nacionalismo econômico e o conservadorismo moral, de Alain Soral⁸, ou a Quarta Teoria Política de Aleksandr Dugin⁹.

Esse conjunto de propostas lança um desafio para definições principiológicas estanques entre direita e esquerda diante das inúmeras sobreposições entre ideologias, consideradas de esquerda ou de direita a depender da correlação de forças e do momento histórico específico:

² Como a Quarta Teoria Política de Alexandre Dugin, o Paleoconservadorismo de Paul Gottfried, a Alt-Right de Richard Spencer, a Neoreaction de Mencius Moldbug, a Nouvelle Droite, de Alain de Benoist, entre outras propostas. Para uma visão abrangente de todas essas correntes, Cf. Prado, 2021.

³ No Brasil, tivemos Ernesto Araújo, ministro das Relações Exteriores do governo Jair Bolsonaro, discípulo de Olavo de Carvalho, ideólogo político esotérico, e o Tradicionalista cristão César Ranquetat Jr. (2019).

⁴ Militavam por uma “nova ordem” não totalitária baseada em uma visão holística de sociedade, crítica do livre mercado, do individualismo, da prevalência dos direitos humanos e da herança cristã (Camus, 2019).

⁵ Termo usado principalmente na Alemanha de 1920 para designar um movimento cultural e político pautado pela recuperação de valores do romantismo anticapitalista e do aristocratismo radical dos séculos XVIII e XIX, influenciando ao mesmo tempo revolucionários e conservadores, nacionalistas e socialistas autoritários contra o liberalismo e os acordos de Versalhes (Dupeux, 1994; Augusto, 2017).

⁶ Principal liderança intelectual da Nova Direita francesa hoje, ele é considerado um dos fundadores do movimento identitário europeu que afirma o direito dos povos de origem europeia a uma cultura e territórios exclusivos, com base em referenciais greco-romanos clássicos e/ou no paganismo (Camus, 2019; Vasconcelos, 2022a).

⁷ Um dos principais integrantes da Nova Direita francesa, propunha uma revolução restauradora na Europa com base no arcaísmo dos valores e na tecnologia transumanista. Cf. Vasconcelos, 2023b.

⁸ Sociólogo e jornalista condenado de forma recorrente por antissemitismo e por negar o Holocausto.

⁹ Sobre o nacional-bolchevismo e a “revolução conservadora” cf. Bernardo, 2015; Vasconcelos, 2022b; 2022c. Sobre Dugin, cf. Silva, 2022.

Por exemplo, o ambientalismo pode ser combinado com posições políticas antagônicas, como o anti-capitalismo ou o “capitalismo verde” do desenvolvimento sustentável; o feminismo também pode ser combinado com o secularismo universal ou o comunitarismo indígena. Nos países europeus, o conluio entre o comunismo de extrema-esquerda e o nacionalismo de extrema-direita é referido como a “conspiração vermelho marrom”, ou o conluio entre o anti-sionismo de extrema-esquerda e o anti-semitismo de extrema-direita. Fala-se também de um perigo “islamo-fascista” ou “fascismo verde” nos países ocidentais, para realçar a incompatibilidade entre a religião muçulmana e os regimes democráticos. Como resultado, o campo político atual parece muito complicado para ser reduzido a uma simples dicotomia (Schang, 2020, pp. 358-359).

Mesmo com estas dificuldades, concordamos com Schang (2020)¹⁰ sobre a validade da díade esquerda-direita como enquadramento geral, não associada a uma ideologia particular, mas na qualidade de “conceitos operacionais, ou seja, ‘hipóteses convenientes’ [...], cujo significado depende tanto da ação prática quanto do discurso teórico” (Schang, 2020, p. 377). As noções de esquerda e direita são válidas como pontos de referência desde que haja compreensão das relações flexíveis entre seus princípios basilares e o caráter tático e conjuntural de alguns dos repertórios diante das correlações de força locais e geopolíticas¹¹.

O caráter nacional ou internacional, conservador ou progressista, liberal ou iliberal, coletivista/autoritário ou individualista/libertário, populista ou elitista varia em diferentes graus de acordo com ideologias e conjunturas, posto que se refere aos meios de atingir estes ideais. *Grosso modo*, o entendimento comum é o de que se contextos de estabilidade promovem um gradiente linear entre posições extremas em cada polo (direita e esquerda), com mais tendência de concentração em posições ao centro, contextos de crise estrutural e geopolítica suscitam um deslocamento para posições extremas, fazendo também confluir posições associadas à esquerda e à direita em combinações variadas, de acordo com o tipo de enfrentamento. No entanto, é preciso também considerar as diversas formas de radicalismo, à direita ou à esquerda, que não correspondem ao que se compreende como extremismo. Mesmo que apoiem propostas revolucionárias e, portanto, críticas do *status quo* social e institucional, direita radical e esquerda radical não necessariamente coincidem com o apoio a ações extremistas (pautadas pelo elogio da violência, formas de supremacismo e de extermínio de oponentes)¹².

¹⁰ A proposta de Schang (2020) para descolar a igualdade de senso comum entre direita e conservadorismo e fundamentar um “conservadorismo de esquerda” (apesar do antisemitismo) é passível de problematizações, seja pela recusa de um olhar dialético da relação entre ordem moral e ordem econômica, seja pelo não enfrentamento da “revolução conservadora” e do “anticapitalismo de direita”.

¹¹ Um exemplo concreto é a adesão da extrema esquerda espanhola a uma posição pró-Rússia no contexto da guerra da Ucrânia, ao contrário do que se poderia prever apenas pela análise das afinidades ideológicas entre as perspectivas da extrema direita espanhola e a do governo russo (Holesch; Zagórski, 2023).

¹² Não há espaço para aprofundar o tema, mas há uma lacuna teórica no debate sobre esquerda-direita, ao não considerar as complexas relações entre conceitos a respeito dos quais há certo dissenso: extremismo, radicalismo, radicalização, dissidência e insurgência.

Para fins de síntese, entendemos esquerda como atitudes políticas de defesa ao igualitarismo, favoráveis à proteção social em relação à soberania do mercado ou à emancipação por meio de uma orientação anticapitalista que pode se configurar como extrema esquerda ou esquerda radical; já a direita, como defesa do anti-igualitarismo, pelo favorecimento à competição como fundamento das relações sociais, pela crítica de políticas de intervenção compensatórias ou pela defesa de supostas “desigualdades naturais” e “tradições”.

Em relação à extrema direita, nosso objeto principal, a definimos a partir de três aspectos principais: 1) a afirmação das diferenças (étnico-raciais, de classe, gênero e nação) como desigualdades naturais, base para o direito de domínio e uso da violência; 2) a recusa do individualismo da “cultura de massas” e a defesa de um ideal coletivista, mas aristocrático e hierárquico¹³; e 3) a busca pela ruptura da ordem institucional, embora possam partilhar de valores morais conservadores ou reivindicarem referências anteriores às da época moderna. Pelo apoio à ação radical e mesmo revolucionária¹⁴, a extrema direita não faz parte da escola do conservadorismo político¹⁵, embora possa ser conservadora no plano moral; e, pelo seu conteúdo econômico, não é neoliberal - embora ambos, conservadores e neoliberais, se vejam, não raras vezes, em alianças com a extrema direita.

Atualmente, no entanto, a “recusa absoluta das instituições democráticas” e a “violência de seu comportamento” não seriam mais suficientes para definir a extrema direita (Milza, 2002, p. 17). Após a derrocada do nazifascismo e com os movimentos de independência política africana e asiática, a extrema direita europeia atravessará uma crise, confinada ao nacionalismo xenofóbico, aos atos terroristas e à nostalgia do fascismo histórico, por meio da preservação da sua simbologia ou pelo negacionismo do Holocausto. Mas, após os anos 1960, ela buscará se renovar por meio de movimentos políticos e centros de reflexão orientados por uma adequação no repertório teórico e tática de ação.

A partir desta época, alguns autores (Eatwell, 2003; Norris, 2009) passam a distinguir a *extrema direita*, marcada por certo anti-intelectualismo, pela apologia à violência e aos valores antidemocráticos e racistas explícitos, da *direita radical* ou *nova direita* que, mesmo crítica da democracia liberal, não enfatiza a ruptura violenta com os sistemas políticos, mas a ação cultural e/ou política organizada. A distinção é pertinente desde que se perceba graus de interseção, pois a opção pela ação cultural, pela organização política ou pela ação via ruptura podem convergir caso haja um contexto favorável. Por essa razão, faz sentido a escolha de Cas

¹³ As posições de extrema direita costumam se pautar por uma “dupla moral” na orientação conceitual e prática: de um lado, pleiteia-se a conservação (ou a restauração) dos costumes e da tradição por parte do povo; de outro, atitudes inovadoras e amorais por parte das aristocracias, compostas por indivíduos que se destacam das massas.

¹⁴ Revolução, em sentido estrito, como substituição de regimes e governos por meio de mobilização popular, ou em sentido amplo, como reestruturação de certa formação social e suas instituições. Não fazemos equivalência com o sentido da revolução no pensamento marxista ou anarquista. Mesmo que a extrema direita se pretenda anticapitalista, seu ideário é mais crítico à moral social “burguesa” e ao domínio do mercado como complô judaico-financeiro que ao funcionamento do capitalismo como sistema de exploração econômica (Paxton, 2007).

¹⁵ No sentido da filosofia política aspirante à preservação do que pensa ser o melhor na sociedade e que se opõe a mudanças radicais.

Mudde (2019), ao utilizar *far right* como um conceito “guarda-chuva” para abrigar correntes de direita radical e de extrema direita, incluindo a *alt-right*¹⁶.

No entanto, é comum a recusa a esse enquadramento por parte de seus adeptos que se pretendem mais distantes da imagem convencional da extrema direita e mais abertos ao diálogo com o repertório das esquerdas. Porém, mesmo que se esforcem por demonstrar diferenças em relação ao totalitarismo¹⁷ e ao fascismo, recusando a alcunha de neofascistas, não há como descartar similaridades (Sheehan, 1981; Griffin, 2000; 2012; Bar-On, 2012; Silva, 2022). Já em 1980, Alain Touraine antecipava a problemática das distinções entre fascismo e Nova Direita francesa, um dos centros dessa reformulação do pensamento político:

Fascismo? É fácil demais recusar a acusação. Certo, a história não se repete. Eu mesmo acabei de indicar que essa nova cultura de direita está associada a um elitismo político e econômico, o que o opõe ao nacional-socialismo, que foi antiaristocrático e popular. Mas se admitirmos denominar fascismo todo apelo autoritário à unidade cultural e estatal da nação, como recurso contra os movimentos populares que uma classe dirigente em crise não pode mais conter, a nova direita é um fascismo. E, ainda que esteja longe de desempenhar o mesmo papel dos fascismos surgidos logo depois da Primeira Guerra Mundial e da revolução soviética, ela carrega consigo uma lógica de repressão social mortalmente perigosa para as liberdades democráticas. A nova direita é antidemocrática, se bem que não dependa dela encontrarem-se ou não os meios para se destruir a democracia. Talvez nem todos os seus ideólogos aceitarão o recurso à violência política, mas nós ainda temos na lembrança os tradicionalistas que se tornaram devotos do nazismo, e os refinados letrados que se transformaram em antissemitas furiosos (Touraine, 1998, p.89).

O cerne do problema, em nosso entender, é a imprevisibilidade do acoplamento entre o idealismo das propostas dos “revolucionários conservadores” e o plano material das correlações entre classes, elites e institucionalidades políticas no interior da dinâmica histórica capitalista de cada país ou região. Como ocorrera na primeira conversão desta nebulosa ideológica, o resultado fora um conjunto de governos fascistas ou corporativistas atrelados à modernidade e à expansão capitalista de um Estado-Nação, e não um rompimento. Por essa razão, é preciso ceticismo sobre propostas idealistas que buscam retomar um ciclo de institucionalização de regimes políticos e econômicos com pretensão a superar a modernidade, mas sem base analítica fundamentada sobre o funcionamento do capitalismo e meios de controle do processo político de um ponto de vista emancipatório e não estruturantes de novas formas de dominação de potências capitalistas revanchistas.

¹⁶ Direita Alternativa é movimento *online* de direita radical e extrema direita (Prado, 2021). Formado em redes descentralizadas, a *alt-right* influenciou os ecossistemas da direita em nível global, incluindo neonazismo, bolsonarismo, trumpismo e movimentos pró-brexit e outros conspiracionistas.

¹⁷ A *Nouvelle Droite* se pretende crítica do totalitarismo, entre outros motivos, por não defender um Estado corporativo, mas um Império como coordenação de autonomias locais.

Logo, partimos da premissa de que os contextos nacionais devem ser postos em perspectiva, conforme a conexão ou o afastamento das redes transnacionais de uma nova direita que pretende reorganizar o “ecossistema” plural de movimentos dissidentes e de insurgência (revolta anticolonial, contestação anticapitalista, gangsterismo neonazista e cenários de guerra). Trata-se de estratégia para tornar a nebulosa ideológica não mais identificável com as suas primeiras formas de institucionalização: o fascismo italiano e o nazismo alemão, descartados em razão do peso da condenação humanitária e política ou por serem consideradas experiências falhas. Com a imaginação política livre do legado das duas guerras mundiais e do nacionalismo racista e xenofóbico, pretende-se retomar um novo ciclo de institucionalização política.

A segunda metade do século XX, por sinal, foi justamente a época de um intervalo intelectual-organizativo por parte dessa nebulosa ideológica. Inspirados em Julius Evola¹⁸, há o diagnóstico de um contexto não favorável a ações revolucionárias ou radicais, por isso a prática da *apoliteia* como formação de uma “aristocracia de espírito”, capaz de “cavalgar o tigre”¹⁹ até o momento certo. Nesse sentido, o fim da União Soviética, o 11 de setembro, a ascensão da China como potência econômica e da Rússia como potência político-militar e o pós-pandemia parecem sinais de fim do ciclo histórico da hegemonia dos Estados Unidos e da Europa. Ao mesmo tempo, o *realismo capitalista*²⁰ (Fischer, 2020) conduz a um ciclo histórico de insurgências e dissidências fragmentadas favoráveis à um apelo populista antissistema. Ou seja, uma época propícia à saída da *apoliteia* para formas de expressão pública, em apoio a movimentos e governos. Nesse contexto, os novos conflitos geopolíticos, guerras, golpes e revoluções recentes em África, Ucrânia e Palestina tornam-se oportunidade para uma inserção em insurgências anti-imperialistas que ganha a forma de uma inversão de acusações: o supremacismo étnico e a colonização estariam presentes na ação das potências globalistas e liberais, contra as quais se incentiva o retorno às Tradições civilizacionais em nome da soberania dos povos oprimidos.

Toda essa estratégia se constituiu com base em táticas específicas, a saber:

1. Criação de uma rede intelectual em torno do pensamento para uma nova revolução conservadora: mesmo em aspectos espiritualistas, religiosos, místicos e Tradicionalistas, há um entendimento do sentido “metafísico” nas revoluções e de um sentido “iniciático” à formação de militantes, valorizando-se o ideal de revolta aristocrática, distante do individualismo e da mediocridade da sociedade de massas capitalista; a partir disso, deriva-se um elogio das disposições guerreiras e do caráter sagrado da guerra.

¹⁸ Julius Evola (1898-1974) foi um filósofo italiano de origem aristocrática, ao mesmo tempo influente e crítico do fascismo que se pretendia “superfascista” ou “suprafascista” (Vasconcelos, 2023a).

¹⁹ Título de um dos livros de Julius Evola, faz referência a um provérbio oriental para o qual quem for bem-sucedido em montar o tigre impede não apenas de ser devorado por ele, como também, caso se mantenha montado, poderá tirar vantagem desse feito. Esse simbolismo se dirige a orientações existenciais em uma época de crise e dissolução, a partir da qual se pode fazer emergir um novo tipo de sociedade.

²⁰ Caracterizado pela falta de horizonte político alternativo ao neoliberalismo como governabilidade e déficit democrático dos regimes liberais representativos

2. Reatualização da quebra de fronteiras entre esquerda e direita: há uma procura constante por tomadas de posição anti-*establishment*, reivindicando a crítica contra o domínio do mercado, da burguesia e do imperialismo.

3. Idealização do Império como forma política e o retorno às raízes culturais greco-romanas, pagãs ou Tradicionais da Europa: pretensão de uma sociedade não mais baseada no Estado-Nação e no capitalismo liberal.

4. Criação de uma perspectiva e de alianças “terceiro-mundistas”: forma de se alinhar à crítica ao colonialismo, típico dos *frames* de esquerda, e subverter o sentido para um iliberalismo civilizacional/étnico. O que se configura como um verdadeiro desafio para a esquerda diante da crítica já enraizada aos direitos humanos e organizações supranacionais como vetores de dominação geopolítica, ou a criação do estado de Israel e o caso da Palestina. A oposição entre civilizações da terra e do mar (Schmitt, 2004) tornou-se um criatório de tendências conspiracionistas contra o “globalismo”, promovendo uma perspectiva iliberal e antidemocrática associada, muitas vezes, ao antissemitismo.

5. Atuação *metapolítica*²¹: essa tendência se realiza como forma de ação cultural e política desde o fim do apoio a táticas terroristas de direita nos anos 1970, na Europa, e um redirecionamento para conquista de hegemonia junto à imprensa, partidos, militares etc. À época, a tática foi nomeada como “gramscismo de direita”, uma subversão do conteúdo político de classe contida na proposta de Gramsci (Vasconcelos, 2022a). O foco passa a ser a conquista da hegemonia através de uma mistificada quebra de fronteiras entre esquerda e direita e uma guerra de posição voltada à criação de centros culturais e de quadros profissionais, políticos e intelectuais que promovam valores iliberais (na política e na economia) e antimarxistas.

Por meio destas diferentes táticas busca-se corroer a hegemonia liberal-burguesa, mas também o socialismo de viés democrático, em nome de novos *Reichs* no interior de uma geopolítica pós-colonial e pós-fascista. Trata-se de uma estratégia com táticas múltiplas, muitas vezes irreconhecíveis para ambos os públicos, tanto o de direita, mas, principalmente, o de esquerda. Embora sejam ações de pequenos grupos, trata-se de uma rede internacional extensa que atua pela conversão simultânea de vertentes da extrema direita e da extrema esquerda, por meio do *entrismo*²² e de cisma em organizações políticas e culturais para

²¹ “Metafísica das ideias políticas”, estudo da ontologia da cultura e das civilizações como fundamento transcendente da ação política, ou seja, uma forma de atuação política não imediatista, com base no domínio cultural e na mudança de mentalidades com referência a princípios e valores tradicionais, religiosos, perenes ou ancestrais nem sempre explícitos no discurso (François, 2005; Buela, 2013).

²² A noção de entrismo delimita uma forma de infiltração em partidos e movimentos com a intenção de realizar um trabalho de divisão, desestabilização e redirecionamento programático. Em outras palavras, uma dupla militância que não corresponde a uma legítima demonstração aberta de tendências e divergências internas, mas o seu uso para finalidades de movimentos externos à organização. A bibliografia mais prolífica sobre o tema se refere aos conflitos entre stalinistas e trotskistas, cf. Bensaïd, 2007.

favorecer uma convergência “vermelho marrom”²³ nas frações radicais e moderadas, de direita e de esquerda.

No contexto brasileiro, há uma retomada, em especial, de intelectuais que inspiraram ou mesmo participaram dos regimes fascistas, mas que não se identificavam plenamente com eles, realizando sua crítica interna em nome de um ideal de Europa e Império em detrimento do Estado-Nação (François, 2005; 2017). É o caso de Julius Evola que se inspira em René Guénon, um dos fundadores do Tradicionalismo cuja concepção decadentista de ciclo histórico diagnostica a necessidade de o Ocidente ser restaurado através da “Tradição primordial”, um suposto conhecimento superior presente em todas as religiões, mas ameaçado pela Modernidade e mantido apenas através de organizações e ritos iniciáticos. Em Guénon, essa Tradição é buscada em especial no Oriente, no hinduísmo e na concepção de sociedade dividida em castas²⁴, como forma de uma restauração por meio de elites intelectuais em uma conexão com a política mediada pela religião e pela cultura (Sedgwick, 2004).

As distinções entre Evola e Guénon são fundamentais para a compreensão das direções intelectuais e políticas das organizações brasileiras e por fazerem parte de reelaborações críticas de intelectuais como Alain de Benoist, Olavo de Carvalho e Aleksandr Dugin. Com isto, temos o objetivo de demonstrar como a formação de uma rede transnacional da *far-right* influencia o cenário brasileiro, na forma de uma estratégia de entrismo e cisma organizacional para uma aliança “vermelho-marrom” e alavancar uma tendência de pensamento e ação política iliberal concorrente à aliança entre “olavistas” e “bolsonaristas”.

O texto está dividido em mais duas seções e as considerações finais. Na primeira seção, analisamos como, a partir dos anos 2000, novos atores influenciados pela rede internacional da *far right* pretendem a criação de uma identidade própria: uma *Dissidência Tradicionalista*. Ela é oriunda da relação, facilitada pela internet, entre diferentes atores imersos em meios cúlticos esotéricos, místicos e religiosos, que buscaram se contrapor à esquerda e direita convencionais, além de diferenciar-se do fascismo, do integralismo e da extrema direita reunidos em torno de Olavo de Carvalho e sob influência da Nova Direita norte-americana. Na segunda seção, situamos duas diferentes tendências, representadas na Nova Resistência e na Frente Sol da Pátria que têm a mesma origem, mas disputam influência sobre o nacionalismo e o trabalhismo a partir de leituras sobre o Tradicionalismo.

Este artigo é resultado de nossa imersão anterior no universo das comunidades de *Orkut* há mais de uma década e de uma reinserção em redes sociais

²³ Designa uma pessoa ou um movimento político que defende valores híbridos, uma mistura entre aqueles da extrema direita nacionalista (o marrom dos nazistas) e da extrema esquerda doravante comunista (o vermelho). Classificação similar, “verde marrom”, também foi feita para criticar movimentos ecologistas que parecem pegar emprestado os temas da direita conspiratória e xenófoba (Angeot, 2018).

²⁴ Cada ciclo histórico seria marcado pela decadência dos estágios iniciais, quando predominavam *brahmins* (sacerdotes) e *ksatryias* (guerreiros), até o domínio dos *vaishyas* (comerciantes) e *shudras* (escravos/trabalhadores), momento de decadência e cataclismo (o *kali yuga*). A evidência de crise seria a predominância dos regimes baseados nos *vaishyas* (capitalismo/burguesia) e dos *shudras* (comunismo/trabalhadores).

desde 2020, como forma de compreender o fortalecimento de novas tendências de extrema direita. Partimos do pressuposto que a internet se tornou favorável à criação de formas de radicalização, *públicos antiestruturais* e a aproximações extremistas como forma de virar o “mundo do avesso”, estabilizando uma nova forma de vida social e política (Cesarino, 2022). Como veremos, foi justamente a partir da internet que a Nova Direita se enraizou e se expandiu, desde as comunidades pró e anti-Olavo no *Orkut*, de onde se origina a autointitulada *Dissidência Tradicionalista*.

As origens da *Dissidência Tradicionalista* no Brasil: um “Olavismo do B”

A história que esboçaremos agora compreende organizações recentes cuja origem remete a interações muitas vezes obscuras entre uma pluralidade de perfis extremistas em fóruns e redes na internet. As narrativas sobre o percurso desses grupos se dividem em duas tendências principais: a denúncia de jornalistas investigativos e militantes antifascistas sobre a “infiltração neofascista nas esquerdas” (Liberator, 2020; El Coyote, 2019); e o relato nativo, geralmente de tom grandiloquente, feito pelos próprios integrantes dos grupos. Entre denunciismo e apologia, um novo conjunto de pesquisadores da nova direita e do neofascismo busca pistas para análise do fenômeno a fim de compreender as formas de continuidade ou ruptura com a história da extrema direita no Brasil, desde o integralismo²⁵ (Neto, 2021).

Nosso ponto de partida é a reconstrução histórica nativa produzida por André Luiz dos Reis, uma das lideranças do Nova Resistência e, posteriormente, da Frente Sol da Pátria. Ela é exposta na série *História da Dissidência Tradicionalista*, dividida em 10 “capítulos” e alocada na página *Consciência do eu*, dedicada à discussão a respeito do Tradicionalismo e da política brasileira (Reis, 2022)²⁶. Nela, a *Dissidência Tradicionalista* é apresentada como um movimento que reuniu uma parcela de diferentes grupos de “dissidentes políticos”:

O dissidente político pode ser definido como aquele que tem uma cosmovisão não só dissonante como flagrante e conscientemente incompatível com o *establishment* intelectual e político vigente. Ele não se sente representado nas instituições e no regime, e é portador de críticas aos fundamentos da organização social, bem como às ideologias que compõem o discurso hegemônico e *mainstream*. O significado e o conteúdo da dissidência muda segundo a sociedade e a época.

No caso brasileiro, trata-se da reunião de grupos dos mais variados matizes ideológicos - “grupos socialistas revolucionários”, “minúsculos conventículos nazistas e fascistas”, “direitistas reacionários” anticomunistas, cristãos e defensores da ditadura civil-militar de 1964, e liberais críticos do patrimonialismo. Apesar de ideologias opostas, esses grupos teriam como ponto em comum o inconformismo em

²⁵ Oficializado em 1932 com a Ação Integralista Brasileira (AIB), principal organização fascista da história brasileira. Os “camisas verdes” criaram símbolos, ritos, revistas e agremiações em torno das ideias de regeneração nacional e do conservadorismo cristão em oposição ao liberalismo e ao comunismo (Neto, 2021).

²⁶ Diante do formato de *blog*, não há paginação nas citações.

relação “ao pacto e ao consenso social-liberal que se consolidou durante a Nova República, tanto no âmbito político-partidário, quanto em esferas de mediação do sistema dominante [Universidades, grande mídia, sociedade organizada em geral]”. É na interseção entre esses diferentes grupos, e principalmente com o acirramento da crise de legitimidade da democracia representativa no Brasil desde 2013, que a *Dissidência Tradicionalista* surgiu, buscando uma nova síntese político-ideológica.

A internet foi o principal instrumento de coligação desse “saco de gatos”, antes apartados em “pequenas ilhas ideológicas”, proporcionando o surgimento de “círculos anárquicos”, ou seja, “fora do controle estrito do discurso hegemônico”. A partir desses círculos, “um recorte do conjunto maior de divergentes” passou a dialogar entre si a partir da discussão sobre autores “perennialistas” ou Tradicionalistas. Muitos “se mantiveram com atuação liberal, ou conservadora, ou socialista, ou nacionalista, ou fascista”, mas outros mudaram de campo de atuação, convergindo para as novas organizações do campo.

Um núcleo central de divisão nesse contexto se realizou em torno de Olavo de Carvalho, erigido em autoridade sobre o assunto entre os dissidentes no Brasil, principalmente nas discussões em comunidades de redes sociais. Segundo o narrador, “foram as discordâncias com os caminhos percorridos pelo ‘Olavismo’ que tornaram possíveis os ambientes em que vicejou a Dissidência Tradicionalista atual”.

A trajetória de Olavo é reconstituída sem nenhuma preocupação apologética: são citadas as suas obscuras e iniciais ligações com o PCB, seu relativo reconhecimento como astrólogo e sua participação com círculos esotéricos e seitas religiosas em meios direitistas, até sua relação com o Islamismo e com a *tariqa Maryamiyya*, do Tradicionalista Fritchof Schuon. A principal ênfase, contudo, recai na sua atuação durante os anos 1990 e 2000, em veículos de imprensa e na internet, quando despontou como liderança intelectual crítica ao PT, difundindo suas teses sobre o “marxismo cultural”, copiadas dos neoconservadores estadunidenses.

Para o narrador, pouco a pouco, Olavo tornaria explícito seu projeto de formação de uma “elite intelectual conservadora” e de uma adaptação *sui generis* do Tradicionalismo, conciliado ao individualismo e a referências neoconservadoras e cristãs da sociedade norte-americana. Um dos seus principais meios de divulgação, além do *Mídia Sem Máscara*, eram duas comunidades do *Orkut* - *Olavo de Carvalho* e a *Filosofia de Olavo de Carvalho*. Nesses espaços, iniciaram discussões sobre os posicionamentos do autointitulado filósofo, incluindo contestações a respeito da sua leitura do Tradicionalismo. O debate entre Dugin e Carvalho (Dugin; Carvalho, 2012), nesse sentido, ocupa um lugar fundamental para os seus seguidores, sendo lembrado no sentido de reivindicar a vitória que acreditam ter sobre o oponente.

A partir dos conflitos entre as comunidades de seguidores e críticos, criou-se a *Eu Odeio Olavo de Carvalho*, posteriormente rebatizada de *Olavo de Carvalho nos Odeia*, após o próprio homenageado ter ingressado na comunidade para proferir ofensas. Posteriormente, após novas cisões e sob o pretexto de ser “‘território neutro’ em que olavetes e anti-olavetes conversariam criticamente”, foi criada a comunidade *Olavo de Carvalho do B*, a *Dubê*, em 2007, reunindo os mais diversos

perfis, apoiadores e críticos de Olavo, liberais, petistas históricos, trotskistas, maoístas, fascistas, membros da Tradição, Família e Propriedade (TFP), integralistas, muçulmanos sufis, esotéricos, neopagãos, entre outros.

Alguns destes perfis continuaram inseridos nas redes da *Dissidência Tradicionalista*, outros não. No sentido de delimitar as conexões centrais no conjunto maior da *Dubê*, o autor identifica círculos mais orgânicos que atuavam em paralelo, mas se uniram, desde então, no propósito de uma “grande síntese” ou convergência entre o pensamento antiliberal de esquerda e de direita: O *Grupo de Ur*, liderado por Alex Sugamoto, “Esoterista, Poeta, Músico, adepto do Xamanismo e do Taoísmo, Maçom, Filósofo, Cientista da Religião”²⁷; o *Grupo Austral*, de Maurício Ultramar e, de início, Raphael Machado, responsáveis pelo blog *Legio Victix*, com repercussão no “espectro nacionalista/fascista”; e o *Acrópolis*, “o maior e mais movimentado fórum de Filosofia do *Yahoo Grupos* entre 2006 e 2010”, do qual o autor fazia parte.

Na articulação entre esses três grupos, o posicionamento ideológico predominante se tornou explicitamente antiliberal e antiamericano e membros da *Dubê* passaram a atuar publicando entrevistas, traduções e análises, além de manter contato com outros grupos, fora do *Orkut*²⁸. Em tom grandiloquente, o texto anuncia a organização dos Congressos Evolianos como o marco que “inaugurou uma nova Era na *Dissidência Tradicionalista*: a “Era dos Evolianos”²⁹ que teria se destacado por alguns “feitos históricos”: a vinda de Aleksandr Dugin, em 2012, seguida da tradução de seu livro *Quarta Teoria Política* (2012); a realização de um debate entre Olavo de Carvalho e Aleksandr Dugin, organizado posteriormente na forma de livro (Dugin; Carvalho, 2012); o fortalecimento de uma rede de estudos de Tradicionalismo, reunindo Brasil, Argentina, Portugal, Itália e Rússia, no qual se insere o *Centro Evoliano de América*, na Argentina, e o *Centro de Estudos Multipolares*, no Brasil; e a criação de “grupos atuantes nas ruas e no sistema partidário”, como a Nova Resistência.

O 5º Encontro, em 2014, teria sido o divisor de águas para a *Dissidência Tradicionalista*, pois foi realizado de maneira unificada e em um ambiente de efervescência para os principais temas desse movimento - no plano nacional, os movimentos de rua contra o sistema político e os governos do PT de 2013 a 2016 e, no plano internacional, as “Primaveras Árabes”³⁰, o *Euromaidan*³¹ e a Guerra do *Donbass*³². Além do retorno de Dugin, o evento contou com o francês Alain Soral,

²⁷ É significativa a utilização da referência ao Grupo de Ur, também nome do *blog* do grupo, homenagem ao círculo de estudos de Magia, Tantra e Hermetismo de Julius Evola na Itália dos anos 1920/30.

²⁸ É o caso da relação com os Boletins Evolianos e outras publicações da Legião Vertical (LV), grupo português, e com a Editora do IRGET, de Luiz Pontual, responsável pela publicação de Evola no Brasil.

²⁹ Os Encontros Evolianos entre 2011 e 2013 aconteceram em mais de uma cidade. 1º Encontro: 2010 (João Pessoa); 2º Encontro: 2011 (João Pessoa e Curitiba); 3º Encontro: 2012 (João Pessoa, São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba); 4º Encontro: 2013 (João Pessoa e Curitiba); 5º Encontro: 2014 (São Paulo).

³⁰ Série de protestos e revoluções no Oriente Médio e Norte da África, de 2010 a 2012.

³¹ Onda de manifestações e agitação civil, na Ucrânia, entre 2013 e 2014.

³² Guerra ou rebelião pró-Rússia na região leste da Ucrânia desde 2014.

“autodeclarado sociólogo e marxista” de retórica antissemita e apoiador de “movimentos considerados neofascistas ou nacional populistas”. Visto como reunião de homenagem à pensadores fascistas, o evento suscitou polêmicas na imprensa e na política, com manifestações e tentativas de cancelamento (Deputado..., 2014). No entanto, parece não ter se constituído como problema, mas como virtude do movimento: a “realização de um ideal acadêmico, de debates em alto nível, mas sem tabus”. O 5º Encontro acabou por ser um fato de destaque para a autoimagem da Dissidência, que, com isso:

[...] dava um passo decididamente brâmane em sua constituição, muito diferente da imagem de um movimento surgido nas ruas e entre nazistas. Os [Encontros] Evolianos foram realizados geralmente em ambientes universitários e com presença de nomes da Academia [...] Em nenhum outro lugar era possível estudar propostas complexas de Relações Internacionais e Geopolítica, ao lado de palestras sobre a natureza sagrada do Eros, a angelologia de correntes heterodoxas do Islã, e até mesmo revisionismo do Holocausto com carimbo de aprovação da USP.

A narrativa memorialística, no entanto, revela desconforto com a presença, nos primeiros Encontros Evolianos, de “neonazistas semi-enrustidos” e “figuras que não eram exatamente dissidentes, mas apenas direitistas [...] para os quais a busca espiritual era secundária”. O narrador pretende, ao contrário, demonstrar que é falso afirmar que o Tradicionalista político é “necessariamente desta ou daquela vertente ideológica”, mas uma reunião de posicionamentos dissidentes - de conservadores a socialistas; de nacionalistas a separatistas; de trabalhista a fascistas. Em razão desta variedade ideológica, o narrador defende que “não se deve ver na Dissidência Tradicionalista um sinônimo de populismo de direita, ou do nacionalismo populista europeu e americano”. O Tradicionalismo é concebido não como uma “ideologia”, um “movimento político” ou “religião”, mas “um paradigma metafísico, filosófico e de simbologia” vinculado à história do esoterismo e do ocultismo ocidental nos últimos dois séculos, “o hermetismo, o rosacrucianismo, os cabalistas, e as organizações maçônicas e para maçônicas”.

O narrador visa combater, com isso, a “imaginação e a propaganda de certa esquerda” que “vende o ‘Tradicionalismo político’ [...] como um paradigma impulsionado por gangues neofascistas e racistas. Mas isto não passa de tentativa de adaptar ao Brasil um cenário que é, na verdade, o da *alt-right* norte-americana”, um equívoco das “análises mais recentes na grande mídia e dos ‘especialistas’ em Nova Direita”, que enxergariam como “um tipo de ‘neofascismo’ que nega o progresso, a tecnologia, os direitos individuais, saudosista de tempos passados, que lutam para reeditar”. A participação destes grupos na evolução da Dissidência teria sido, na maior parte, subordinada. O seu desenvolvimento teria partido de estudantes e praticantes de vias espirituais e esotéricas e, depois, se transferido para meios intelectuais e acadêmicos: “A ideia de um campo político montado por ‘militares’, ‘guerreiros’, e ‘gangues’ é ilusória e sem fundamento”. A sua formação seria, nesse sentido, “muito mais brâmane do que *Ksatryia*”, embora “desde o início se notasse a presença crescente de fascistas propriamente ditos”.

Neste ponto, são necessários alguns questionamentos sobre os mal disfarçados equívocos contidos nesta interpretação sobre a crítica feita por pesquisadores e jornalistas. O Tradicionalismo, de fato, pode conduzir a inúmeros caminhos - especialmente nos meios de contracultura, que buscam formas alternativas de vida, e em diversas modalidades de militância política ou mesmo apolítica. Porém, afirmar a influência do Tradicionalismo sobre uma pluralidade de posicionamentos, inclusive de esquerda, não evita a predominância na extrema direita, como “reciclagem” do fascismo e de ideias reacionárias antimodernas, e não apenas nos Estados Unidos, mas também na Europa e no Brasil. O lugar central de Evola nos permite, de maneira inequívoca, delimitar a pertença desse movimento à extrema direita renovada.

Além disso, afirmar a diferença da *Dissidência Tradicionalista* em relação a grupos reconhecidos pela atuação violenta e anti-intelectual não é plenamente consistente diante das evidências. A tolerância à presença de grupos mais próximos ao fascismo ou à família da “terceira teoria política” nos Congressos Evolianos, como forma de favorecer a sua conversão a uma posição mais “elevada”, é argumento que mais serve à própria autolegitimação no interior do movimento, a partir de um caráter acadêmico e intelectual, buscando diferenciar-se de organizações concorrentes, com perfil mais atrelado diretamente à ação política e ao fascismo.

Nesse sentido, cabe destacar como sintomático, no discurso nativo, as poucas menções ao integralismo, apesar da presença de Victor Emmanuel Barbuy que lideraria a *Frente Integralista Brasileira* (FIB) na *Dubê* e nos *Encontros Evolianos*. Isto se deve, em parte, aos posicionamentos da FIB em momento anterior, marcado pelo contraponto ao Tradicionalismo de Julius Evola: buscava-se dissociar o integralismo do fascismo com base na valorização do conservadorismo cristão, marcador de diferenças com o “pensamento tradicionalista regressivo” e “neopagão” de Julius Evola (Neto, 2021, p.15), visto como problemático, pois é crítico do cristianismo como degenerescência e decadência. Mas, com assunção de Barbuy à presidência da FIB (2009-2019), houve uma mudança: da recusa ao pensamento evoliano para uma “aproximação analítica (quicá ideológica) entre Evola e Salgado” (Neto, 2021, p.16)³³.

Mas, à vista das evidências empíricas coligidas, as organizações neointegralistas não despontam como núcleo central das articulações e identidades reivindicadas. Interpretamos a inflexão e adesão ao pensamento de Julius Evola pelo neointegralismo como evidência de perda de hegemonia no interior das novas redes organizacionais, agora lideradas pela autointitulada *Dissidência Tradicionalista* e suas conexões nacionais e internacionais. Mesmo considerando que, através deles, as organizações neointegralistas possam encontrar caminhos para difundir suas ideias e

³³Essa mudança se coaduna com orientação neointegralista, que apareceria de maneira mais consolidada com uma nova geração a partir do 1º Congresso do Integralista para o Século XXI, em 2004, e com a diversificação de organizações, como a *Frente Integralista Brasileira* (FIB), a *Ação Integralista Revolucionária* (AIR), ao *Movimento Integralista e Linearista Brasileiro* (MIL-B) e a *Associação Cívica e Cultural Arcy Lopes Estrella* (ACCALE). A internet se torna um instrumento político central nos diálogos com monarquistas, mas, principalmente, com o neofascismo internacional.

se fortalecer, a *Dissidência Tradicionalista* possui uma abrangência e um núcleo geracional e organizativo independente do integralismo, cujo conteúdo é “diluído” entre as referências provenientes da “nova revolução conservadora” e do neofascismo na Europa.

A seguir, abordaremos duas diferentes orientações da *Dissidência Tradicionalista*: o Nova Resistência e a Frente Sol da Pátria. A primeira, muito colada a referências celtas/nórdicas e sob influência do duginismo, para o qual a QTP é uma síntese mais próxima ao fascismo que do socialismo; a segunda, que procura “abrasileirar” a Dissidência através do contato com as “fontes da tradição” na cultura popular do Brasil e latino-americana com vertentes políticas mais próximas do socialismo e do nacionalismo trabalhistas. Para compreender essa disputa, é preciso retornar à história da *Dissidência Tradicionalista* a partir da dissolução do *Legio Voluntas Invicta* e do Grupo Austral, em 2013, e a criação do Nova Resistência.

As duas faces da *Dissidência Tradicionalista* no Brasil: a Nova Resistência (NR) e a Frente Sol da Pátria (FSP)

Para os grupos brasileiros que aqui nos interessam, uma das principais influências, sem dúvida, é a de Aleksandr Dugin (2012) e sua Quarta Teoria Política - QTP, cuja proposta pode ser traduzida como a superação do que considera ser as três teorias políticas da Modernidade - o Liberalismo (1ª), o Comunismo (2ª) e o Fascismo (3ª). Esta nova síntese fundamentaria a criação de um “mundo multipolar” através da revolta contra o Ocidente e o capitalismo, por meio da expansão de domínios étnicos/civilizacionais (Impérios). Nas palavras de Dugin:

Eu certamente não sou um “racista-fascista”. Não sou um fascista (não sou de Terceira Posição). Sou um antirracista convicto. Odeio o racismo como parte da ideologia liberal, eurocêntrica e imperialista. A maioria dos ocidentais, incluindo os partidários dos Direitos Humanos, são racistas, na medida em que são universalistas e comungam com a visão de que a civilização ocidental moderna é o único padrão. Defendo a pluralidade de civilizações e o fim do (ocidental) padrão universal do desenvolvimento social. Oponho-me firmemente a qualquer tipo de xenofobia e nacionalismo como construções burguesas, artificiais e essencialmente modernas. Não sou comunista, nem marxista, porque me recuso a aceitar o materialismo em todas as suas variantes, e porque nego o progresso. Deste modo, é muito mais correto descrever meus pontos de vista através da Quarta Teoria Política e do Tradicionalismo, e, no nível das Relações Internacionais, através da Teoria do Mundo Multipolar, baseada em uma visão pluralista da arquitetura do mundo e no princípio dos Grandes Espaços (*Grossraum*). Me oponho ao capitalismo como um fenômeno essencial da modernidade. Acredito fortemente que a modernidade é absolutamente incorreta e que a Sagrada Tradição é absolutamente certa. Os EUA são a manifestação de tudo que odeio: modernidade, ocidentalização, unipolaridade, racismo, imperialismo, tecnocracia, individualismo, capitalismo. Ele é, em minha perspectiva, a sociedade do Anticristo (Dugin, 2017).

Essa autodeclarada superação de teorias, no entanto, é alvo de uma série de contestações: no que diz respeito ao anticapitalismo, sua visão é mais próxima de uma crítica ao liberalismo econômico que a supremacia de um capitalismo comandado por oligarquias e senhores de armas; no mesmo sentido, é crítico do individualismo em nome de uma ressignificação do indivíduo em uma vida integral comunitária; em relação ao comunismo, ressaltam-se os equívocos de sua interpretação do marxismo, que é esvaziado de sua dimensão econômica e se converte em um “marxismo sociológico mítico”, adaptado ao Tradicionalismo (Silva, 2022); no que tange ao racismo, mesmo que se afaste do viés de explicação biológico, sua estrutura de pensamento demarca fronteiras políticas entre amigo/inimigo e civilização/barbárie que representam linhas de reconfiguração religiosa e etnicamente fundamentadas, o que intérpretes classificam como racismo cultural (Silva, 2022; Reis, 2023; Zizek, 2023); por fim, sua compreensão é crítica dos limites do nacionalismo fechado, mas é favorável ao sentimento nacionalista como porta de entrada de uma configuração cultural mais ampla, base de um expansionismo civilizacional.

Por todas estas razões, constata-se que o pensamento de Dugin se coaduna com uma reinvenção do próprio fascismo, não mais limitado a um conjunto fechado de características estanques do fascismo histórico do começo do século XX. Afinal, nas palavras do próprio Dugin, seu objetivo é a busca por um fascismo “genuíno, verdadeiro, radicalmente revolucionário e consistente, fascismo fascista”, retomando a “profecia” de um “fascismo sem fronteiras e vermelho” (Dugin, 2018). A sua proposta, expressa, nesse sentido, uma ação *metapolítica* para formação de uma rede transnacional de pensamento e ativismo que encontra paralelo nos ideais de Francis Parker Yorker (1917-1960) para um “bloco transcontinental fascista” baseado na aliança “vermelho marrom”³⁴.

Um dos exemplos dessa estratégia foi a criação da *Nouvelle Résistance* (NR) pelo ativista francês Christian Bouchet, em 1991. Ela sucedeu a *Jeune Europe* (1962-1969), do nacional-bolchevique belga Jean-François Thiriart (1922-1992)³⁵, marcando uma pretensa mudança de uma Terceira para uma Quarta Posição. Em contraste com grupamentos neofascistas nostálgicos da década de 1960 que tendiam a adotar uma plataforma intransigente pró-Ocidente, anticomunista e pró colonial durante a Guerra Fria, a NR adotou um programa político radical caracterizado pelo pan-europeísmo, antiamericanismo e o Terceiro-Mundismo, cujo objetivo proclamado era a unificação de todas as forças “antissistema”, de direita e de esquerda, em uma luta comum contra o Novo Mundo globalista (Bale, 2002).

A NR se tornou representativa do processo de radicalização das gerações mais jovens de neofascistas, que cada vez mais procuraram descartar o nacionalismo estrito, o racismo vulgar e o conservadorismo cultural para forjar uma nova

³⁴ Filósofo norte-americano, conhecido por seu livro *Imperium*, publicado sob o pseudônimo de Ulick Varange, em 1948, descrito como uma “sequência” de *O Declínio do Ocidente*, de Oswald Spengler.

³⁵ Filósofo político associado inicialmente ao neonazismo e à manutenção do domínio colonial europeu sobre África. Modificou sua orientação para um nacional-comunitarismo europeu, de viés revolucionário, em diálogo com o comunismo, no sentido de uma aproximação Europa-Rússia (Bar-On, 2008).

contracultura jovem de direita. Inspirados no lema nacional-bolchevique da Resistência ao Ocidente capitalista e à invasão de potências estrangeiras no território nacional, almeja-se uma Nova Resistência, que incorpora diferentes significados associados: resistência à modernidade ocidental e ao capitalismo individualista e à cultura de massas; resistência como valorização da experiência direta no terreno da guerra contra invasores ou de ação direta violenta; resistência como forma de “cultivo de si”, em momentos de hegemonia liberal ou de esquerda. A história da NR, nesse sentido, é exemplar para o estudo das formas de organização e da transformação cultural da direita radical do pós-guerra, com a interação entre certos tipos de extrema esquerda e direita em uma perspectiva internacional, com o surgimento de filiais nos Estados Unidos e no Brasil.

A origem da NR brasileira é cercada por controvérsias sobre a inspiração e identidade do grupo, se dependente ou não de organizações homônimas de outros países, caso do *New Resistance*, nos Estados Unidos, e do *Nouvelle Résistance*, na França. O grupo defende sua autonomia, especialmente em relação à norte-americana (Reis, 2020). É possível inferir que a razão para o apagamento destes vínculos se dê pelo interesse em dissociar a imagem da organização brasileira das tendências declaradamente neonazistas presentes na *New Resistance*³⁶, bem como dos conflitos com James Porrazzo, seu líder de então, que denunciara o desligamento das duas organizações como uma traição por parte de sua principal liderança, Raphael Machado, que, saído do Grupo Austral, participa de organização separatista no Rio Grande do Sul³⁷ e mantém vínculos com organizações estrangeiras, especialmente na esfera de influência de Aleksandr Dugin. Porrazzo expõe o que considera aspectos biográficos polêmicos de Machado, além de denunciá-lo como “procurador de interesses russos e chineses”:

Convidamos o Raphael Machado para fazer parte do NR [...] Demos a ele permissão para usar nosso nome, os símbolos que projetamos e os slogans que criamos [...] Machado estava muito focado em questões étnicas quando se juntou a nós. Ele havia sido membro do culto de Nimrod de Rosario, que são nacional-socialistas esotéricos, e também aluno de Miguel Serrano, outro nacional-socialista esotérico. Na verdade, houve uma discussão acalorada sobre não deixá-lo entrar por esses motivos. Mas ele concordou que não defenderia o “nacional-socialismo esotérico” usando nosso nome e símbolos. Que tudo isso era apenas um assunto pessoal para ele. Não muito depois, o culto de “De Rosario” parece ter expulsado Machado por questões de sua composição étnica após ver fotos de seus pais. Este parece ser um problema recorrente para ele. Em sua adolescência, ele era um skinhead

³⁶ A criação do *New Resistance* se deu a partir da junção entre um cisma do *American Front* (organização de nacionalistas revolucionários e dissidentes de direita engajados em atividades políticas e educacionais) com um cisma da satanista *Order of the Nine Angles* (ONA), próxima à *Attomwaffen Division*, organização neonazista terrorista (Ross; Bevenssee, 2020).

³⁷ O “pequeníssimo grupo Frente Popular Austral [FPA]” [que] [...] atraiu separatistas sulistas de matizes fascistas [na terminologia duginiana] que mais tarde formaram uma ala razoavelmente forte dentro da Nova Resistência. Esta ala sairia da NR em 2020, frustrada com os rumos mais nacionalistas do movimento, acusando-o de influenciado por getulistas, e de trair as convicções pretéritas do próprio Raphael Machado. Eles deram origem à Resistência Sulista” (Reis, 2022, s./p.).

nacional-socialista do “Rock Contra o Comunismo”, ativo no Rio e em Stormfront³⁸. Ele foi expulso desses círculos de forma bastante dramática. Ainda há alguns vídeos dele circulando por aí, que foram bastante rudes com ele. Quanto aos seus objetivos para o NR-B, foram algo que nos levou a não confiar nele e a romper com eles. Machado parece bastante obcecado com a ideia de NR-B convencer o PDT e até mesmo PSOL e outros grupos menores que eles são de fato de esquerda, em um esforço para usar uma estratégia “entrista” para ganhar influência e poder (McNaught, 2020).

Esse conflito demonstra como a NR se situa na constante ambiguidade, pois, embora busquem se afirmar em descontinuidade com o neonazismo, a sua ação se inicia na convivência com sujeitos enraizados em meios ocultistas, neonazistas, separatistas, supremacistas brancos e extremistas, através dos quais se pretende realizar seu redirecionamento a uma Quarta Posição. É o caso de neointegralistas da ACCALE, organização da qual fez parte Eduardo Fauzi, acusado de ser responsável por atentado com coquetéis *molotov* contra a produtora Porta dos Fundos, em 2019, após publicação de vídeo satírico sobre Jesus Cristo (O Globo, 2022); de Álvaro Hauschild, parceiro intelectual de Raphael Machado³⁹, estudante expulso da UFRGS por acusações de discriminação, denunciado pela Polícia Civil/RS pelos crimes de racismo qualificado, e investigado pela Polícia Federal em ações de combate a conteúdos neonazistas (Neves, 2022); e de Rafael Lusvarghi, retratado como uma espécie de herói por sua prisão em protestos contrários à realização da Copa do Mundo e por sua participação na guerra do Donbass ao lado das Repúblicas Separatistas de Donetsk e Lugansk (Oliveira, 2019).

Os vínculos com separatistas, supremacistas e integralistas é, volta e meia, motivo de denúncias por militantes antifascistas, mas não necessariamente são suficientes para bloquear sua inserção em meios de esquerda. Por mais que a acusação de *entrismo* seja negada pela NR e por partidos⁴⁰, ela será recorrente nos anos seguintes, e não apenas da parte de grupos do mesmo campo. Para seus críticos, a NR é um agente externo à esquerda, que se infiltra em seus meios (partidários, organizações de mídia, etc.) para confundir e redirecionar suas táticas e, pouco a pouco, desfazer o caráter de esquerda destas organizações. Em outros termos, a NR é um extremismo de direita camuflado: uma via de diluição de alguns dos valores do integralismo e do fascismo a partir do nacionalismo e do anti-imperialismo, utilizando-se, por exemplo, da pauta legítima do antissionismo para incutir antisemitismo.

³⁸ *Stormfront* era um fórum nacionalista branco com sede nos Estados Unidos. Foi o primeiro de seu tipo e o maior operado por pessoas associadas a David Duke, KKK e grupos nazistas americanos.

³⁹ Traduziram, juntos, a palestra *A Conceção Sagrada dos Espaços*, de Orazio Gnerre (2012), que sintetiza concepções de Schmitt, Evola e Dugin.

⁴⁰ Nas redes sociais, a direção do PDT afirma combater a “dupla militância” e nega haver filiados, enquanto críticos repercutem imagens de integrantes da NR em manifestações junto a dirigentes do partido. A NR nega o entrismo, ao mesmo tempo em que, na reta final da campanha eleitoral, “surfa” nas coincidências discursivas com as declarações do presidenciável Ciro Gomes, em temas como o aborto, a crítica a Soros e o elogio a Enéas Carneiro.

Assim, a NR se projetou especialmente no ano de 2022, por ocasião da candidatura presidencial de Ciro Gomes (PDT), aliando-se ao *Quinto Movimento*⁴¹, de Aldo Rebelo (PDT). Atualmente, a organização busca se inserir em outros meios partidários e midiáticos de esquerda: no Portal 247, onde Raphael Machado se tornou colunista oficial; junto ao Partido da Causa Operária (PCO); no portal *Opera Mundi*, que organizou um debate entre Raphael Machado e o jornalista Breno Altman que, mesmo sendo alvo de críticas, ofereceu a oportunidade para projeção das ideias da NR à públicos que antes não eram alcançados; e no Jornal GGN, com a publicação de um histórico do grupo em 2021 e de uma homenagem a Ted Kaczynski, o terrorista norte-americano *Unabomber*, por ocasião de sua morte em 2022.

Mesmo com a retirada da publicação do site após críticas em redes sociais, ela surtiu um efeito simbólico importante para dois públicos distintos: de um lado, uma sinalização para jovens imersos em comunidades de extremismo *online* de que não há contexto e sentido para ações violentas e de terrorismo. Apesar do elogio a Ted Kaczynski, haveria necessidade de “cavalgar o tigre”⁴² e transformar a ação violenta, individual e desorganizada, em esforço intelectual e organizativo de ação política. Foi também uma forma de se dissociar da imagem de ameaça terrorista, conforme relatório de análise de risco (COAF, 2021).

De outro lado, essa mensagem transmite alguma credibilidade ao grupo para se inserir em veículos de esquerda a partir da crítica ao capitalismo e ao imperialismo Ocidental em um contexto de clivagem da guerra da Ucrânia e em meio à esfera de relações intelectuais e diplomáticas China-Rússia. Mesmo com o contraponto de intelectuais de referência, como Slavoj Žižek (2023), para quem a Rússia estaria mais próxima de um certo tipo de nazismo por causa da necessidade de expansão e de criar uma tensão permanente, a imagem de uma Ucrânia neonazista em rivalidade com uma Rússia ameaçada pela OTAN ofereceu a possibilidade de negar ou diminuir o peso da influência de Putin junto a movimentos de extrema direita neofascistas e milícias armadas, como o grupo Wagner⁴³. Legitima-se, então, uma proposta de mudança geopolítica a partir do conflito entre potências marítimas e “liberais-atlanticistas” dominantes, sob liderança da coalizão Estados Unidos-Europa-OTAN, e potências terrestres e “soberanistas-iliberais” sob influência direta da Rússia, China e países árabes, africanos e latino-americanos, no interior da qual se dialoga também com um maior protagonismo do BRICS em termos de estratégia geoeconômica.

A NR, portanto, busca fortalecer coincidências táticas ou temáticas, rompendo tabus, naturalizando perspectivas, ajudando a enfraquecer frações mais

⁴¹ Para Rebelo (2021) o país necessitaria completar o seu Quinto Movimento, com a retomada do desenvolvimento e da proteção da soberania. Nesse sentido, ele traça as linhas de uma história nacionalista conservadora, desde o elogio aos Bandeirantes, à Igreja Católica, à Monarquia e ao Exército, junto à crítica das ONGs “globalistas” na Amazônia, o que explica seu lugar de referência entre movimentos nacionalistas de direita como liderança potencial para ocupar o vácuo do bolsonarismo.

⁴² O texto é finalizado justamente com esta metáfora, o que também sinaliza para homenagem ao aniversário de morte de Julius Evola, em 11 de junho de 1974.

⁴³ Empresa militar privada utilizada como instrumento não oficial da política de intervenção internacional russa. Cf. Santa Rosa, 2022.

progressistas, igualitárias e democráticas dentro da esquerda, no sentido de criar uma aliança vermelho-marrom. Porém, não se trata apenas de uma “infiltração”. Há coincidência de valores entre frações dos dois campos, especialmente no nacionalismo e no anti-imperialismo, em um projeto de alinhamento teórico-político vermelho-marrom, com atores políticos intercontinentais que se expressam, por exemplo, nos Congressos da Quarta Teoria Política, nas Conferências da Multipolaridade e na parceria com o jornalista político Pepe Escobar que se tornou cada vez mais porta-voz do alinhamento à proposta russa de multipolaridade em consonância com a abordagem duginista acerca do globalismo, das ações do *Deep State* norte-americano, do *lobby* sionista, do *Great Reset*⁴⁴, entre outras formulações conceituais que dialogam com o conspiracionismo.

A tática vermelho-marrom da NR se realiza em várias frentes: no mercado editorial, nas redes sociais (canais de *youtube*, *podcasts* e atuação como *influencer* no *twitter*) e em congressos. Em termos simbólicos, ela se expressa na adoção da imagem da estrela verde - adaptação do símbolo da NR francesa que, no Brasil pode ressoar como um cruzamento irônico entre a estrela, símbolo do PT, e a cor verde, associada ao integralismo (embora a organização não se classifique como neointegralista). Em seu manifesto, a NR assume os lemas “Liberdade, Justiça e Revolução” como uma orientação “nacional-revolucionária”, adepta da QTP, “composta por trabalhistas, distributivistas, tradicionalistas e nacionalistas de diversas vertentes” e defensora de “uma resistência ampla e em vários níveis às políticas econômicas neoliberais, ao imperialismo atlantista, à agenda globalista e ao *lobby* sionista nas mídias e nos governos”. Em outros termos, um “programa antiliberal e anticapitalista” que apoia um “modelo de organização econômica de socialismo patriótico e/ou comunitarista”.

Entretanto, ao observarmos o conteúdo de suas páginas e de sua atuação nas redes sociais, percebe-se que, por socialismo não há defesa do marxismo nem de uma luta política centrada na ideia de classe social; o socialismo em pauta se assemelha ao socialismo prussiano, militarista, de Oswald Spengler ou o sindicalismo revolucionário de George Sorel, ambos fundamentados na idealização de mitos mobilizadores, adaptados, no caso, à pretensão de um Brasil com vocação imperial, participe da construção de um mundo multipolar, na perspectiva de Dugin. Nas redes sociais, a identidade do grupo, ao menos de suas principais lideranças, se define em uma referência cultural a ideias e imagens da mitologia e história nórdicas, com a reificação de supostas origens celtas do Brasil, muito próximas a idealização falsificadora da história sobre os *vikings* no Brasil, feita por Jacques de Mahieu, antropólogo franco-argentino, peronista e próximo ao nazismo esotérico. Ao mesmo tempo, busca-se fazer o elogio dos heróis nacionais, como os Bandeirantes, que seriam expressão dos valores de integração nacional e expansionismo de uma civilização ibero-americana, não ocidental. Também é próprio da organização um ideal de aristocracia por meio da masculinidade viril e da feminilidade conservadora, constituídas como base para uma convivialidade que ressalta maneiras rurais, anti-individualistas e “antiburguesas”, expressas no ideal de

⁴⁴ Teoria conspiratória segundo a qual elites financeiras e dirigentes mundiais planejam uma reestruturação política do mundo, com uso de novas tecnologias, como a internet 5G.

coletivos entre homens e entre mulheres, como o Matria, núcleo feminino da organização⁴⁵.

Outro lema pertinente à NR é o ideal de Alain Soral: “Esquerda no Trabalho, Direita nos Valores”. Enquanto se colocam a favor da revogação da reforma trabalhista e se alinham ao discurso anti-imperialista, temas como o antirracismo, os direitos da população LGBTQIA+, o feminismo e o aborto são classificados como pautas do identitarismo liberal que seriam promovidas pela esquerda estadunidense e europeia e suas ONGs “globalistas” financiadas, em grande parte, por George Soros. O que se configura como uma estrutura de pensamento semelhante à lógica do antissemitismo e do complô financista de dominação do mundo, expresso nos Protocolos de Sião. Embora sejam críticos do governo Bolsonaro, a discussão sobre meio ambiente e proteção da Amazônia e vacinação, por exemplo, segue uma linha retórica similar - a crítica ao globalismo como fenômeno imperialista liberal (Machado, 2022) -, havendo também compartilhamento de tendências conspiratórias, a exemplo da tese do *Grande Reset*. Porém, a defesa das estratégias geopolíticas da Rússia, como na Guerra da Ucrânia, da autonomia frente aos Estados Unidos e em nome da Palestina contra o estado de Israel são questões-chave que os diferenciam do olavismo e dos apoiadores de Bolsonaro. Ao mesmo tempo, é preciso lembrar do apoio da NR à liderança de Trump nos Estados Unidos, e não apenas por questões geopolíticas, mas pelas pautas culturais e políticas.

Apesar das críticas de ações de antifascistas e de movimentos de esquerda, taxados como identitários por parte da NR, seu principal contraponto teórico-político se dá por uma organização concorrente, surgida como cisma interno: a *Frente Sol da Pátria* (FSP). Suas raízes certamente derivam de concepções anteriores à criação da NR, em discussões na *Dubê* e nos Encontros Evolianos, acerca de um “Tradicionalismo paralelo e *sui generis*, uma mistura de politeísmo, esoterismo, socialismo e agrarismo”. No entanto, essa proposta só irá adquirir mais consistência após disputa pela liderança interna da NR que resultou em cisma organizacional com a fundação oficial da FSP em 2022.

Em termos ideológicos, a FSP busca confrontar os limites do duginismo e do putinismo, vistos como, parafraseando Lênin, “a doença infantil da dissidência tradicionalista” (Araújo, 2022). Uma das críticas mais relevantes diz respeito, além da *russofilia*, à forma como o fascismo e todos os tipos de nacionalismo são homogeneizados na ideia de “terceira teoria política”, constituída como a “verdadeira base para a militância do campo dissidente”, enquadramento que impediria distinções necessárias na busca de singularidades de projetos políticos nacionalistas revolucionários e não liberais da América Latina e do Sul Global.

A FSP, ao contrário, pretende orientar a sua militância em sentido mais próximo das tradições populares brasileiras e latino-americanas, em diálogo com socialistas, trabalhistas e dos movimentos populares urbanos e rurais. O direcionamento é proveniente do perfil dos seus integrantes, mais próximos do

⁴⁵ O que se coaduna com a concepção de fascismo em Walter Laqueur (1996) como permeado pela busca por um estilo de vida alternativo e a valorização da juventude. Há também semelhanças com a reflexão de Polanyi (1935) sobre círculos de socialização militante divididos por sexo.

campo das organizações e celebrações da cultura popular - carnaval, candomblé, religiões esotéricas, catolicismo, movimentos rurais e de trabalhadores -, interessados em formas de vida alternativa, convictos da recusa ao *establishment* político-partidário e do progressismo liberal.

Assim, em seu Manifesto (FSP, 2022a), em nome de uma “revolução restauradora”, o grupo assumiu o lema “Pão, Terra e Tradição”, retomando os princípios do modernismo cultural dos anos 1920/30 e seu apreço pelo abrasileiramento das influências estrangeiras e o contato com as tradições populares, acrescentando o valor do conservadorismo moral, da democracia social e orgânica (inspirada na doutrina social da Igreja Católica e crítica aos limites da democracia representativa e sua instrumentalização por elites econômicas), do Trabalhismo, da ideia de Pátria Grande e de Sul Global. Nesse intuito, a ênfase principal do grupo são os temas culturais, reivindicando o legado de escritores, artistas e intelectuais brasileiros como Ariano Suassuna, Glauber Rocha, Patativa do Assaré e Darcy Ribeiro, e de políticos, com Getúlio Vargas, João Goulart e Leonel Brizola. Há também ênfase na revisitação de eventos da história brasileira, no sentido de destacar os valores da mestiçagem e das lutas populares.

No ano de 2022, a FSP publicou seu primeiro livro *A Rainha do Meio-Dia: Ensaios sobre cultura brasileira e outros temas* (FSP, 2022b), uma coletânea que expressa o posicionamento do grupo em sentido contrário a uma série dos fundamentos teórico-políticos da posição da NR. Nesse sentido, três argumentos são centrais: o primeiro, que o Estado-nação, o comunismo, o fascismo e o liberalismo (político, filosófico e econômico) não estão “mortos”, ao contrário do que defendem críticos tradicionalistas da modernidade, como Dugin, com sua pretensão de grande teoria de síntese e aplicação universal (Araújo, 2022). A realidade mundial expressaria um conjunto de experiências, modelos híbridos de sistemas econômicos e políticos que reiteram a vigência destas diferentes influências, mesmo que sua universalidade seja contestada por novos projetos geopolíticos. O ideal de multipolaridade, nesse sentido, não é algo necessariamente positivo do ponto de vista da realidade brasileira ou do Sul Global, a não ser que orientado para a afirmação regional sem submissão a interesses de superpotências concorrentes aos Estados Unidos.

O segundo, um projeto político afastado do ideal étnico de renascimento nacional (Griffin, 1991), típico de orientações ultranacionalistas antiliberais corporativistas, base dos fascismos e neofascismos. Em contraponto, com base em referenciais da antropologia do pensamento político sobre nacionalismo, pretende-se ancoramento em um duplo registro: 1) a crítica à ideia de nacionalismo como “invenção” sem base cultural e a busca de um fundamento no repertório cultural e de sociabilidade arcaicos presentes como legado histórico em cada contexto; 2) e uma noção de Povo como uma grande comunidade histórica e de destino, sem necessariamente um caráter étnico. A saída para a ambiguidade entre os dois registros estaria na aposta na plasticidade dos Estado-Nação como projeto de convivência multiétnica, tal como apontado por Darcy Ribeiro para o caso brasileiro

O terceiro é a busca de um tipo renovado de Tradicionalismo a partir do legado de René Guénon, e não de Julius Evola. Busca-se, com isso, desprender-se da

ênfase evoliana na preeminência das castas guerreiras no comando da sociedade e de seu entendimento racista, fálica e desigual acerca das relações dos povos do Norte sobre os do Sul Global. Em oposição, René Guénon é visto como fonte para um acesso à Tradição no seio da cultura popular, uma vez que para o esotérico metafísico francês a verdadeira “elite espiritual” não se distingue pelas aparências de nobreza, mas se dissimula no povo mais simples, buscando no “folclore” um refúgio para a conservação de verdades de ordem esotérica que tendem a se perder pelo avanço da modernidade. As tradições populares, os festejos, os homens santos e mártires, seriam fontes de uma sabedoria a ser revivida e núcleo da nacionalidade brasileira.

Estes três argumentos servem como eixos de afastamento simultâneo das posições de Olavo de Carvalho e Aleksandr Dugin acerca do Tradicionalismo e da geopolítica, vistos como duas leituras estranhas à formação da sociedade brasileira: o primeiro, criticado por se basear em individualismo cristão norte-americano como orientação cultural e geopolítica brasileira em relação aos Estados Unidos; o segundo, por uma ênfase no ideal de sociedade holista ortodoxa russa. A este respeito, ressalta-se a crítica ao racismo culturalista e esoterista de Dugin que, a pretexto de libertar a América Latina, África e boa parte da Ásia do domínio Ocidental, os submete ao domínio do Norte geopolítico, polo de força da sua “geografia sagrada”.

Uma última e relevante crítica ao racismo específico de Dugin teve ocasião recentemente, nas redes sociais, em razão da análise do intelectual russo sobre obra de um aliado, o também polêmico panafricanista franco-beninese Kemi Sebá. Em seu posicionamento, Dugin concorda com a ideia de conservação das bases étnicas de cada povo, sendo o mestiço como uma espécie de degeneração, razão para que o casamento entre mestiços e negros fosse uma “norma sanitária” a fim de “escurecê-los”. Para ambos, cada raça/etnia deveria viver em territórios separados, com sua própria cultura, lei e organização política. Em contraponto a esta ótica de exclusivismo e segregacionismo étnico-racial, é ressaltada a realidade “des-eticizada” da sociedade brasileira, na qual a diversidade étnico-racial se expressa na mistura (Reis, 2023).

As críticas da FSP a Dugin e a NR, no entanto, não devem conduzir a um contraste completo. Há pontos de contato nas duas propostas, de modo que seria precipitado situá-los no interior de uma polarização entre esquerda (FSP) e direita (NR), que ambos rejeitam. A busca por uma fonte de legitimação no Tradicionalismo, tendo René Guénon como substrato comum, não torna impossível a distinção das propostas, sobretudo pela ênfase da NR em Evola e Dugin, mas dificulta a tentativa de separação.

No que diz respeito ao racismo, por exemplo, embora Guénon, ao contrário de Evola, negasse a ideia de raça ariana e não tenha integrado o racismo na estrutura do seu Tradicionalismo (Sedgwick, 2023), seu raciocínio revela uma tese de uma suposta fragilidade dos povos europeus, derivada do fato de que não seriam propriamente uma raça (Guénon, 2022). As características étnicas dos europeus seriam instáveis. Eles tenderiam a desaparecer quando se misturam com outras raças, daí o perigo das “revoluções étnicas”, decorrente da revolta e da imigração

de populações das antigas colônias. Assim, ao mesmo tempo em que Guénon é um crítico da hipocrisia moral do colonialismo ocidental, é possível traçar algum paralelo com a tese da “grande substituição”, defendida pela extrema direita europeia, na qual os europeus estariam em risco diante da imigração africana e árabe (Barone; Silva, 2023).

No mesmo sentido, a autonomia entre civilizações étnicas e uma idealização das fontes espirituais do Oriente seria o caminho para a restauração da Europa como civilização Tradicional, cujo princípio é a fundamentação do domínio de castas sagradas. Este núcleo central faz com que a FSP também se baseie na subsunção dos conflitos de classe pelo conflito de castas, em uma concepção decadentista de história cíclica e revolução restauradora. Ou seja, mesmo que o nacionalismo étnico não seja reivindicado com todas as letras, e por alguns negado em nome de uma identidade brasileira mestiça, o movimento é permeado pela ideia de regeneração nacional. Embora não se deva confundir nacionalismo com fascismo, o Tradicionalismo converge para uma epistemologia da autoridade sacralizada e projetos a serem realizados pela via do elitismo intelectualista, por meio do dirigismo militarista ou partidário de vanguarda, como a pretensão de “ida ao povo” por parte dos populistas russos [*narodniks*].

A narrativa memorialística da *Dissidência Tradicionalista* permite, nesse sentido, a conveniência de, através de uma narrativa *ex-post-facto*, “apagar os rastros” das ligações com extremistas de direita. Ao mesmo tempo em que nomeiam outros grupos como extrema direita, buscam se situar “para além” de sua influência e da classificação esquerda-direita. No entanto, o compartilhamento da crítica ao “esquerdismo” e ao “identitarismo pós-moderno”, entendidos como via de fragmentação da consciência nacional e de submissão ao imperialismo norte-americano, torna ainda mais difícil a classificação da FSP ou da NR fora do campo da direita radical. No contexto da disputa pelo legado eleitoral do período pós-Bolsonaro, por sinal, confirmam-se tentativas de novas sínteses: enquanto a NR busca consolidar sua aliança vermelho marrom junto à partidos de esquerda, a FSP se alia com o *Movimento Brasil Livre* (MBL), conhecida organização de direita de viés ultraliberal autoritário, no ensaio de uma proposta de nacionalismo liberal-conservador (FSP, 2022c).

Considerações Finais

O surgimento da *Dissidência Tradicionalista* demonstra uma fase de renovação, maturação intelectual e expansão institucional ocorrida nos últimos quinze anos no campo da extrema direita brasileira oposta ao bolsonarismo e à esquerda. Como ponto em comum a toda esta geração está a percepção de “decadência dos valores tradicionais” e uma necessidade de regeneração social e “espiritual”, cuja origem mais imediata, no contexto brasileiro, é delimitado nos limites do pacto liberal da transição democrática da Nova República. A partir de distintas proveniências regionais, orientações políticas e referências intelectuais, da herança da contracultura e da procura de estilos alternativos de vida em meios religiosos e esotéricos estas organizações buscaram se renovar aproveitando a oportunidade da crise de legitimidade da representação política surgida desde 2013.

Situamos a *Dissidência Tradicionalista* no interior dos movimentos de renovação da extrema direita que buscam dela se desvincular assumindo-se como uma *nova direita* (Taguieff, 1993) que atua questionando a própria pertinência da díade esquerda-direita, no sentido de favorecer novas sínteses teórico-políticas. Tal pretensão não é nova. Por sinal, é próprio da história de movimentos como o fascismo, o nazismo, o nacional-bolchevismo e o integralismo a confusão entre os repertórios da esquerda e da direita, o que pode ser constatado na trajetória de seus personagens, nos símbolos e nas classes a que dirigem seu discurso e buscam mobilizar (Paxton, 2007). O *neofascismo* não reivindica a repetição das experiências históricas concretas, mas a sua reinvenção através de atualizações doutrinárias e discursivas que formatem uma nova identidade (Neto, 2021).

No entanto, é preciso delimitar o que há de específico nestas vertentes. O conceito de *neofascismo* é suficiente para perceber semelhanças, por exemplo, com repertórios e táticas da extrema direita liberal-conservadora associada ao bolsonarismo, mais próximo do *pós-fascismo* (Traverso, 2019). Mas o conceito não nos revela muito sobre as diferenças. No sentido de não banalizar o fascismo, entendemos ser necessário correlacionar o fenômeno da *Dissidência Tradicionalista* com o *Fascismo Eterno* ou *Ur-Fascismo* (Eco, 1995), possibilidade sempre presente de recombinação do legado de valores e ideologias que influenciaram o fascismo e, mais especificamente, com o *suprafascismo*, conceito nativo criado por Julius Evola que abarca a ambiguidade entre a reforma ou correção de rumos do fascismo para um nível superior e, ao mesmo tempo, um *superfascismo*, por conservar alguns aspectos do fascismo que são intensificados (Wolff, 2016). Esse conceito favorece um correto entendimento da *Dissidência Tradicionalista* e das táticas vermelho-marrom: o nacionalismo, o trabalhismo e a defesa da autonomia geopolítica contra o imperialismo oferecem uma zona de interseção entre direita e esquerda, mas não desfazem a distinção, nem evitam a identificação do princípio hegemônico de direita.

Bibliografia

- ANGENOT, Marc (2018). “Fascismo, populismo: as utilizações contemporâneas de duas categorias políticas nas mídias”. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, 16(1), 244-273. Disponível em: <https://tinyurl.com/452ptxa2>. Acessado em 10 nov. 2023.
- ARAÚJO, Uriel (2022). “Putinismo e duginismo: doença infantil da dissidência tradicionalista brasileira”. *Frente Sol da Pátria* [online], 20 set. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/4787RlX>. Acessado em 29 jul. 2023.
- AUGUSTO, André G. (2017). “Visão de mundo aristocrática e a contrarrevolução conservadora”. In: *Colóquio Internacional Marx e o Marxismo*. Anais NIEPMARX. Niterói. Disponível em: <https://bit.ly/3rQ1Z0w>. Acessado em 25 de jul. 2023.
- BAR-ON, Tamir (2008). “Fascism to the Nouvelle Droite: The Dream of Pan-European Empire”. *Journal of Contemporary European Studies*, 16:3, 327-345. Disponível em: <http://surl.li/jqhcp>. Acessado em 31 jul. 2023.

- BAR-ON, Tamir (2001). “The Ambiguities of the Nouvelle droite, 1968-1999”. *The European Legacy*, v. 6, n. 3, p. 333-351. Disponível em: <http://surl.li/jqhcj>. Acessado em 31 jul. 2023.
- BARONE, Victor; SILVA, Glaydson José da (2023). “A Grande Substituição, o colonialismo projetado e os usos do passado: esboço para uma crítica ao caráter paranoico da Nova Direita francesa”. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, n. 41, p. 192-212. Disponível em: <http://surl.li/jqhbh>. Acessado em 31 jul. 2023.
- BENSAÏD, Daniel (2007). *Trotskismos*. Barcelona: Editorial El Viejo Topo.
- BERNARDO, João (2015). *Labirintos do fascismo: na encruzilhada da ordem e da revolta. Segunda versão remodelada e muito ampliada*. Universidade Aberta do Brasil. Disponível em: <http://surl.li/jqhcj>. Acessado em 31 jul. 2023.
- CAMUS, Jean-Yves.; LEBOURG, Nicolas (2015). *Les droites extrêmes en Europe*. Paris: Le Seuil.
- CAMUS, Jean-Yves (2019). “Alain de Benoist and the New Right”. In: SEDGWICK, M. *Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy*. [S.l.]: Oxford University Press. pp. 73-90.
- CESARINO, Letícia (2022). *O mundo do avesso: Verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora.
- COAF - Conselho de Controle de Atividades Financeiras (2021). *Avaliação Nacional de Riscos - Brasil, 2021*. Brasília/DF. Disponível em: <https://bit.ly/3rOSQFo>. Acessado em 27 jul. 2023.
- DEPUTADO Fernando Capez - Solicita Investigação de Encontro Neofascista (2014). *Youtube*. 11 set. Disponível em: <http://surl.li/jpqhr> Acessado em em 30 jul. 2023.
- DUGIN, Aleksandr (2012). *A Quarta Teoria Política*. Budapeste: Arktos Media, 2012
- DUGIN, Aleksandr; CARVALHO, Olavo de (2012). *Os EUA e a Nova Ordem Mundial. Um Debate Entre Alexandre Dugin e Olavo de Carvalho*. Campinas: CEDET.
- DUGIN, Aleksandr (2018). “Fascismo - Sem Fronteiras e Vermelho”. *Pandaemonaeonbrasil*. Disponível em: <https://bit.ly/3DAvSve>. Acessado em 29 jul. 2023.
- DUGIN, Aleksandr (2017). “Dugin: O racismo é parte da ideologia liberal”. *Nova Resistência*. 27 nov. Disponível em: <https://bit.ly/3q87eYP>. Acessado em: 28 jul. 2023.
- DUPEUX, Louis (1994). “La Nouvelle Droite ‘Révolutionnaire-Conservatrice’ Allemande Et Son Influence Sous La République De Weimar”. *Revue D'histoire Moderne Et Contemporaine*, vol. 41, no. 3, pp. 471-488. Disponível em : <http://surl.li/jqhdr> . Acessado em 31 jul. 2023.
- EATWELL, Roger (2003). “Ten theories of the extreme right”. In: MERKL, P. (ed.). *Right-Wing Extremism in the Twenty First Century*. London: Frank Cass.

- ECO, Umberto (2018). *O fascismo eterno*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record.
- EL COYOTE (2019). “A Infiltração neofascista no PDT”. *El Coyote* [online] 17 jul. Disponível em: <http://surl.li/jpqhf> Acessado em 30 jul. 2023.
- FRANÇOIS, Stephane (2017). “La Nouvelle Droite et le nazisme: retour sur un débat historiographique”. *Revue Francaise d'Histoire des Idees Politiques*, p. 93-115. Disponível em : <https://tinyurl.com/23ztt3dt>. Acessado em 10 nov. 2023.
- FRANÇOIS, Stephane (2005). “Les paganismes de la Nouvelle Droite (1980-2004)”. *Thèse pour obtenir le grade de Docteur en Science politique*. Université du Droit et de la Santé – Lille II. Disponível em: <https://tinyurl.com/2p9y27t3> Acessado em 10 nov. 2023.
- FSP - Frente Sol da Pátria (2022a). “Manifesto”. *Sol da Pátria* [online]. Disponível em: <https://tinyurl.com/z7x9raxs>. Acessado em 10 nov. 2023.
- FSP - Frente Sol da Pátria (2022b). *A Rainha do Meio-Dia: Ensaio sobre cultura brasileira e outros temas*. Coleção Policarpo Quaresma. 1ª ed. Edições Sol da Pátria.
- FSP - Frente Sol da Pátria (2022c). “Os rumos do Nacionalismo no Brasil Pós Eleições- II”. *Canal Frente Sol da Pátria* [online], 07 dez. Disponível em: <https://bit.ly/3OIHbWq>. Acessado em 29 jul. 2023.
- FISHER, Mark (2020). *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* São Paulo: Autonomia Literária.
- GRIFFIN, Roger (1991). *The Nature of Fascism*. New York, USA: St. Martin's Press, 1991.
- GRIFFIN, Roger (2000). “Plus ça change! The fascist pedigree of the Nouvelle Droite”. In: *The development of the radical right in France: From Boulanger to Le Pen*. London: Palgrave Macmillan UK, pp. 217-252. Disponível em: <https://tinyurl.com/8vwe9dms>. Acessado em 10 nov. 2023.
- GRIFFIN, Roger (2012). “Studying Fascism in a Postfascist Age. From new consensus to New Wave?” In: *Fascism: Journal of Comparative Fascist Studies*. Vol. 1, n° 1, p. 1-17. Disponível em: <https://tinyurl.com/3bxvd99j>. Acessado em 10 nov. 2023.
- GNERRE, Orazio (2012). “A Conceção Sagrada dos Espaços”. *The Fourth Political Theory: beyond left and right but against the center* [online]. Disponível em: <https://bit.ly/3Dxp7U2>. Acessado em 29 jul. 2023.
- GUÉNON, René (2022). *Oriente e Ocidente*. 1ª ed. São Paulo: Ed. Bismillah.
- HOLESCH, Adam; ZAGÓRSKI, Piotr (2023). “Tearing Apart the Far Right: War in Ukraine and the break with Putin”. *Agenda Pública. El País* [online], 10 jul. Disponível em: <https://bit.ly/43M7omn>. Acessado em: 20 de jul. 2023.
- LAQUEUR, Walter (1996). *Fascism: Past, Present, Future*. Oxford University Press.

- LIBERATOR, Norberto (2020). “O neofascismo com ‘cara de esquerda’”. *Badaró* [online], 07 mar. Disponível em: <http://surl.li/jpqqw> Acessado em 30 jul. 2023.
- MACHADO, Raphael (2022). “Globalismo e Imperialismo: definições e diferenciações”. *Nova Resistência* [online], 11 nov. Disponível em: <https://bit.ly/3OcuA7G>. Acessado em 29 jul. 2023.
- MCNAUGHT, Roger (2020). “Fundador do grupo ‘New Resistance’ dos EUA faz acusações contra ‘Nova Resistência’: ENTRISTAS!”. *Tribuna da Imprensa Livre* [online]. Disponível em: <https://bit.ly/44LXz9w>. Acessado em 29 jul. 2023.
- MILZA, Pierre (2002). *L’Europe en chemise noire: les extrêmes droites européennes de 1945 à aujourd’hui*. Paris: Fayard.
- MUDDE, Cas (2019). *The Far Right Today*. Cambridge: Polity Press.
- NETO, Odilon Caldeira (2021). “Neointegralismo: do debate historiográfico a uma possível definição”, *L’Ordinaire des Amériques* [En ligne], 226. Disponível em: <https://journals.openedition.org/orda/5853>. Acessado em 28 jul. 2023.
- NEVES, Pedro (2022). “Álvaro Hauschild é desligado da UFRGS por praticar ‘discriminação ou preconceito’ no RS”. *Brasil de Fato* [online], 15 jul. Disponível em: <https://bit.ly/3Od2Dg6>. Acessado em 29 jul. 2023.
- NORRIS, Pippa (2009). *Derecha radical: Votantes y partidos políticos en el mercado electoral*. Madrid, Ediciones Akal.
- O GLOBO (2022). “Suspeito de atentado ao Porta dos Fundos é extraditado da Rússia e chega ao Brasil”. *O Globo* [online]. Disponível em: <https://bit.ly/3OxqVCS> Acessado em 29 jul. 2023.
- OLIVEIRA, Letícia (2019). “‘Desgraça, estás de pé; agora toma o rumo que bem te parecer’: Um perfil de Rafael Lusvarghi”. *El Coyote* [online]. Disponível em: <https://bit.ly/3OzAm4N> Acessado em 29 jul. 2023.
- PAXTON, Robert (2007). *A Anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra.
- POLANYI, Karl (1935). “The essence of fascism”. In LEWIS, J. et al. (ed.), *Christianity and the Social Revolution*, Nova Iorque, Ayer Co. Pub., pp. 359-394.
- PRADO, Michele (2021). *Tempestade Ideológica. Bolsonarismo: a alt-right e o populismo iliberal no Brasil*. São Paulo: Ed. Lux.
- RANQUETA JR., César (2019). *Da Direita Moderna à Direita Tradicional*. 2ª edição. Curitiba, PR, Livraria Danúbio Ed.
- REBELO, Aldo (2021). *O quinto movimento: propostas para uma construção inacabada*. Porto Alegre: Jornal Já Editora.
- REIS, André Luiz dos (2022). “História da Dissidência Tradicionalista”. *Blog Consciência do Eu* [online]. Disponível em: <https://bit.ly/3KfCsEn> Acessado em 29 jul. 2023.

- REIS, André Luiz dos (2020). “A Nova Resistência: Organização Nacional e Autônoma”. *Nova Resistência* [online], 30 mai. Disponível em: <http://surl.li/jpqil> Acessado em 30 jul. 2023.
- REIS, André Luiz dos (2023). “Dugin e Kemi Seba: o ‘Tradicionalismo’ que não aceita a miscigenação”. *Frente Sol da Pátria* [online], 21 jul. Disponível em: <https://bit.ly/3KlVbOt> Acessado em 27 jul. 2023.
- ROSS, Alexander Reid; BEVENSEE, Emmi (2020). “Confronting the rise of eco-fascism means grappling with complex systems”. *CARR Research Insight*, p. 3-31. Disponível em: <http://surl.li/jqhcg>. Acessado em 31 jul. 2023.
- SANTA ROSA, Vinícius Teles do Carmo (2022). “O papel das empresas militares e de segurança privada na estratégia nacional de segurança da Federação Russa. *Monografia* - Departamento de Relações Internacionais, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE.
- SEDGWICK, Mark (2023). *Traditionalism: The Radical Project for Restoring Sacred Order*. Oxford University Press.
- SEDGWICK, Mark. (2021). *Contra o Mundo Moderno - O Tradicionalismo e a História Intelectual Secreta do Século XX*. Trad.: Diogo Rosas G. Âyiné, 680 págs.
- SEDGWICK, Mark (Ed.) (2019). *Key thinkers of the radical right: behind the new threat to liberal democracy*. Oxford University Press.
- SHEEHAN, Thomas (1981). “Myth and Violence: The Fascism of Julius Evola and Alain de Benoist”. In: *Social Research, Spring*, vol. 48, n° 1, pp. 45-59. Disponível em: <http://surl.li/jqhdx>. Acessado em 31 jul. 2023.
- SILVA, Beatriz Lima Oliveira da (2022). “Aleksandr Dugin e a Quarta Teoria Política: uma análise do discurso da nova extrema direita”. *Trabalho de Conclusão de Curso*. Licenciatura em História. Universidade Federal Fluminense (UFF), Campos dos Goytacazes/RJ.
- TAGUIEFF, Pierre-André (1993). “Origines et métamorphoses de la nouvelle droite”. In: *Vingtième Siècle*, revue d'histoire, n° 40, octobre-décembre, pp. 3-22. Disponível em: <http://surl.li/jqhej>. Acessado em 31 jul. 2023.
- TEITELBAUM, Benjamin (2020). *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas, SP: Unicamp.
- TRAVERSO, Enzo (2019). “Do fascismo ao pós-fascismo”. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, v. 13, n. 2, p. 12-44. Disponível em: <http://surl.li/jqhef>. Acesso em 31 jul. 2023.
- VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha (2023a). “O suprafascismo de Julius Evola e os fundamentos da Nova Direita Iliberal”. *Lua Nova*, v. 2, p. 14-47. Disponível em: <https://tinyurl.com/2ad83v8k>. Acessado em 10 nov. 2023.
- VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha (2023b). “O arqueofuturismo de Guillaume Faye e a Nouvelle Droite (1970-2019)”. *História da Historiografia*, v. 16, p. 1-28. Disponível em: <https://tinyurl.com/yhmzbbj8>. Acessado em 10 nov. 2023.

- VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha (2022a). “Alain de Benoist e a Nova Direita Europeia: gramscismo de direita, revolução conservadora e fascismo cultural”. *Princípios* (São Paulo), v. 41, p. 208-239. Disponível em: <https://tinyurl.com/585f6rub>. Acessado em 10 nov. 2023.
- VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha (2022b). “As origens intelectuais do fascismo e suas reinvenções: entre a ‘revolução conservadora’ e o Tradicionalismo”. *Plural* (USP), v. 29, p. 208-231. Disponível em: <https://tinyurl.com/mrkbyx28>. Acessado em 10 nov. 2023.
- VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha (2022c). “‘Para salvar a nação somos até capazes de comunismo’: o nacional-bolchevismo ontem e hoje”. *Almanaque de ciência política*, v. 6, p. 1-34. Disponível em: <https://tinyurl.com/4x7bu5wp>. Acessado em 10 nov. 2023.
- WOLFF, Elisabetta Cassina (2016). “Evola’s interpretation of fascism and moral responsibility”. *Patterns of Prejudice*, v. 50, n. 4-5, pp. 478-494. Disponível em: <https://tinyurl.com/3vkpfwxy>. Acessado em 12 nov. 2023.
- ZIZEK, Slavoj (2023). “‘What I don’t want is Western triumphalism’ Slavoj Žižek on Putin’s expansionism, Western complicity, the denial of death, and preventing a global ultra-conservative turn”. *Meduza*. 03 fev. Disponível em: <https://bit.ly/3q94zhl> Acessado em 27 jul. 2023.



Recebido em agosto de 2023

Aceito para publicação em novembro de 2023